

Resenha



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 32, N. 2, JUL.–DEZ. 2019
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Forma, significação e identidade nacional nos *Quartetos de cordas* de Villa-Lobos

*Loque Arcanjo Júnior*¹

Salles, Paulo de Tarso. *Os quartetos de cordas de Villa-Lobos: forma e função*. São Paulo: EDUSP, 2018. 344 p., ilustr., ex. music., bibliogr. ISBN 978-85-314-1718-4.

O livro *Os quartetos de cordas de Villa-Lobos: forma e função* de Paulo de Tarso Salles, publicado pela editora da Universidade de São Paulo em 2018, é resultado de um processo de pesquisa sobre obras de Villa-Lobos escritas em diferentes contextos de sua trajetória criativa nos campos da análise musical e da musicologia. Ao colocar os quartetos de Villa-Lobos em perspectiva analítica, Salles faz das obras uma lente sobre os processos composicionais do músico, demonstrando como estes reverberam em outras peças de seu repertório e na cultura musical brasileira.

O texto consiste numa contribuição singular para se minimizar o silêncio existente sobre os métodos de composição de Villa-Lobos, em especial aquele presente na memória musicológica sobre a série dos quartetos de cordas. As análises das estruturas formais e de seus aspectos de significação associados aos sistemas de referências culturais propostas pelo texto recolocam estas obras no contexto de sua produção musical. Por meio da interpretação analítica de Salles, os quartetos são situados, também, em perspectiva histórico-cultural, à medida que o texto demonstra como a música de Villa-Lobos, enquanto espaço de múltiplos referenciais culturais apropriados durante a trajetória do músico, con-

383

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

tinua a ser referenciada, reinventada e redimensionada pela escuta de seu público, pela crítica e pelas obras de outros compositores ainda nos dias atuais.

A variedade dos métodos e instrumentos analíticos se justifica pela complexidade da obra de Villa-Lobos, que se evidencia ao leitor ao passo das análises de Salles. A presença da perspectiva linguística de Saussure e o destaque para a música enquanto elemento mediador entre som e escuta, e entre indivíduo e coletividade, redimensionam o lugar dos quartetos de Villa-Lobos no contexto do repertório musical do compositor. Os métodos referentes à análise musical contemplam a teoria dos conjuntos, a teoria transformacional e neo-riemanniana. Da análise dos processos de estruturação e significação musicais emerge a articulação entre retoricidade e identidade nacional.

384 Os quartetos de cordas fizeram parte de todo o processo criativo de Villa-Lobos e representam uma das maiores séries do gênero no século xx e, à exceção da década de 1920, dedicada aos *Choros*, fizeram parte de toda a trajetória criativa do compositor. Nos primeiros quartetos, escritos entre 1915 e 1918, destaca-se a influência da música francesa, representada, em especial, pela forma cíclica de D'Indy. A partir dos anos 1930, Villa-Lobos se apropria definitivamente e de modo original do classicismo e da forma sonata de Haydn. Nesse contexto, os Quartetos n.ºs 5 (1931) e 6 (1938) se aproximam do caráter de brasilidade da série *Bachianas brasileiras* e, no caso do *Quarteto de cordas* n.º 6, Salles sugere que Villa-Lobos mistura elementos da música popular ao formalismo do classicismo.

O livro é organizado em quatro capítulos distribuídos em duas partes temático-metodológicas. A primeira, formada pelos capítulos 1 e 2, é caracterizada por uma arqueologia crítica da literatura sobre as obras. O autor analisa os trabalhos que trataram da série como um todo e aqueles que lidaram de modo fragmentado e mais generalista. A segunda parte (capítulos 3 e 4) dedica-se à análise das estruturas musicais articuladas aos elementos retóricos e à identidade nacional brasileira. Nesta parte do livro, o autor analisa de forma sistemática aspectos formais,

harmônicos/estruturais, identificando-os como fios condutores composicionais frequentes nos quartetos.

No capítulo 1, “Revisões e questionamentos”, o autor parte de uma crítica de Mário de Andrade (retirada de carta enviada a Prudente de Moraes em 1933, logo após a Revolução Constitucionalista de São Paulo) para discutir a relevância de sua pesquisa. Nesta carta, anteriormente analisada por Flávia Toni, Mário de Andrade associa a técnica utilizada por Villa-Lobos no *Quarteto de cordas* n.º 5 a sua “vontade de servir” à política oficial do governo Vargas. A dedicatória do compositor ao interventor João Alberto Lins de Barros explicita as relações entre Villa-Lobos e a política centralizadora oficial. Salles defende a articulação entre crítica e análise musical em diálogo com essas questões referentes à nacionalidade.

Essa análise reforça a importância da investigação presente nos quatro capítulos do livro nos quais o autor estabelece uma articulação entre a fortuna crítica sobre os quartetos e a proposta metodológica verticalizada na análise musical. Além das teses, dissertações, artigos, resenhas de performances ou gravações e notas de programas associados às obras impressas e manuscritas de Villa-Lobos, o livro reavalia as produções de autores tais como: Arnaldo Estrella, Gerard Béhague, Vasco Mariz, David Appleby, Simon Wright, Lisa Peppercorn, dentre outros.

O autor afirma que o agrupamento cronológico dos quartetos organizado por Arnaldo Estrella balizou um paradigma referencial para outros estudiosos: os quatro primeiros quartetos, escritos entre 1915 e 1917, associam-se a uma fase inicial; o quinto (1931) e o sexto (1938) apresentariam caráter folclórico e nacionalista; e a sequência do sétimo ao 17.º (1947 a 1957) possuiriam caráter “universal”.

O texto dialoga também com os trabalhos de Lisa Peppercorn, que escreveu diversos livros sobre a vida e a obra de Villa-Lobos. Em relação aos quartetos, as interpretações da musicóloga são colocadas à prova por Salles, pois, dentre outras abordagens, Peppercorn desconsidera a presença da forma cíclica no *Quarteto de cordas* n.º 2, interpretação sintomática da tendência que associa a produção de Villa-Lobos à sua

insuficiente formação. Rivalizando com as abordagens negativistas de Peppercorn, o autor destaca as interpretações de Rudolph Riedel e Simon Wright que, analisando parte da produção de Villa-Lobos, buscam situar as obras de modo a compreender as particularidades destas, mesmo que de maneira mais laudatória e generalista.

Além de dialogar, também, com as pesquisas mais recentes sobre os quartetos, esse capítulo utiliza ainda uma importante documentação que se refere às notas de programas escritas por Villa-Lobos para as obras, fontes de complexa filtragem, em especial, pelos entraves encontrados para se distinguir os comentários de Villa-Lobos daqueles feitos por outros. Com um importante procedimento para as produções de Villa-Lobos, o capítulo se encerra discutindo a datação das obras. Por meio de um levantamento documental, esta temática é pensada pelo autor como prelúdio balizador para o estudo contextualizado das influências e diálogos musicais estabelecidos pelo compositor nos respectivos contextos de criação dos dezessete quartetos.

386

O capítulo 2, “Villa-Lobos e seus modelos formais: Haydn e a Escola Francesa”, demonstra como o contexto cultural musical da cidade do Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o século XX, era diretamente influenciado pela música moderna francesa e, de modo menos intenso, porém, não menos significativo, pela música germânica. Nesse contexto, entre os anos de 1912 e 1918, as obras do jovem Villa-Lobos foram marcadas pela música de caráter francófilo e, por consequência, os primeiros quartetos não escaparam desta influência. Os *Quartetos* n.^{os} 2 e 3, por exemplo, demonstram, segundo o autor, a consciência, por parte de Villa-Lobos, do estilo de compositores como D’Indy, Franck, Saint-Saëns e Debussy, através do manejo da forma cíclica e seu estilo peculiar de realização das progressões harmônicas. Esta constatação vem acompanhada de uma longa análise dos quartetos nos quais Villa-Lobos se apropria desta linguagem musical.

Em 1931, Villa-Lobos retomou a escrita dos quartetos e, naquele momento, a forma cíclica assimilada do tratado de composição de D’Indy foi abandonada em favor de uma estrutura rapsódica, referenciada no

Quarteto de cordas n.º 5, marcado pelo caráter nacional. O quarteto seguinte, datado de 1938, segue esta tendência nacionalista. Porém, Villa-Lobos demonstra nesta obra uma mudança de abordagem, caracterizada pelo modelo formal clássico de Haydn que irá se apresentar nas outras obras da série. Salles destaca que, apesar do *Cours de composition musicale* de D'Indy reinterpretar a obra de Haydn e sua importância para o estabelecimento da forma-sonata, a redescoberta de Haydn se iniciou em 1932 por ocasião de seu bicentenário de nascimento. Nos anos 1930, quando Villa-Lobos retoma a escrita da série, ele estaria orientado pelo formalismo “cada vez mais baseado em Haydn”.

Dentre os eixos centrais do livro de Salles, a valorização do classicismo de Joseph Haydn como referência analítica dos quartetos da terceira fase de Villa-Lobos é notável. A literatura não havia colocado em destaque a influência do classicismo do compositor austríaco como referência para o estudo analítico dos quartetos. A “racionalidade” representada pelo formalismo das obras de Haydn rivalizaria com o imaginário que difunde de modo equivocado o suposto desconhecimento formal de Villa-Lobos. Nota-se, no contexto desta memória, o não reconhecimento da forma-sonata haydniana enquanto instrumento composicional nas obras de Villa-Lobos.

O capítulo 3, “Simetria, harmonia e forma nos quartetos de Villa-Lobos”, trata de aspectos técnicos presentes nas obras do compositor e da maneira particular de o músico se apropriar da forma-sonata, adaptando-a ao seu estilo pessoal. Para analisar esta apropriação, o autor utiliza o princípio da simetria, que desempenha na obra de Villa-Lobos um papel muito importante, podendo ser identificada em diversos níveis, tais como perfil melódico, forma, harmonia e contraponto.

Por meio das teorias presentes nos estudos de Hermann Weyl sobre a noção de simetria, Salles analisa a estrutura organizacional das alturas na música de Villa-Lobos e as influências da simetria na estrutura musical de suas obras. O autor demonstra como, na música de Villa-Lobos, a cadência é reinterpretada e a oposição dialética consonância/dissonância é substituída por simetria/assimetria. Esta perspectiva analítica é inte-

grada, no trabalho de Salles, a ferramentas analíticas tais como a teoria dos conjuntos e a já citada teoria transformacional e neo-riemanniana relacionada a processos que envolvem progressões harmônicas, direcionalidade e cadências.

O capítulo 4, “Figuração e identidade nacional nos quartetos villa-lobianos”, destaca as estratégias de representação do compositor associadas à brasilidade musical. O autor direciona sua análise para o estudo da presença e/ou ausência do caráter nacionalista nos quartetos de Villa-Lobos. Quais seriam os elementos musicais utilizados por ele para representar a nacionalidade no contexto de seu estilo composicional? Quais as relações entre estas escolhas do compositor, referentes a estes elementos, e seus processos composicionais?

388

Para responder a estas perguntas, Salles estabelece uma arqueologia e um inventário dos gêneros expressivos brasileiros estudados por diversos musicólogos, e investiga a presença destes nos quartetos de Villa-Lobos. A “exposição de melodias populares” organizada por Mário de Andrade em seu *Ensaio sobre a música brasileira* (1928) e os estudos de Renato Almeida presentes no *Compêndio de história da música brasileira* (1948) são confrontados com as perspectivas mais recentes relacionadas aos estudos dos processos de estruturação e significação referenciados pela teoria de Leonard Ratner.

Associando as figuras musicais a elementos retóricos de expressão para a análise da obra de Villa-Lobos, Salles propõe, além de uma descrição tipológica, a categorização sistemática dos gêneros expressivos identificados em figurações musicais dos quartetos de cordas villa-lobianos. Como proposta para se escapar às generalizações excessivas, a análise de Salles estabelece uma subdivisão dos gêneros expressivos em estilos, tipos estilísticos e simbologia cultural que podem se configurar como tópicos dependendo da forma como é apropriada.

Dentre os gêneros expressivos e estilos encontrados nos quartetos de Villa-Lobos, filtrados pela análise dos entrecruzamentos e das constâncias destas musicalidades, o texto identifica os estilos afro-brasileiro, ameríndio, caipira, infantil, carioca, nordestino e pictórico como aqueles

elementos musicais utilizados pelo compositor de modo mais evidente na série. Salles salienta que a interpretação proposta considera a permeabilidade, as misturas e a hibridez como características da cultura brasileira, diretamente relacionadas às particularidades presentes na prática composicional modernista de Villa-Lobos. O texto analisa ainda como as tipologias e as tópicas, tais como “tipo choro”, “tipo samba”, “tópica tamborim”, “tipo modinha”, “tipo xangô”, “tipo capoeira”, “tópica natureza”, dentre outras, reverberam nas mais diversas obras de Villa-Lobos, demonstrando, assim, as regularidades e as singularidades destas representações sociais em outras peças do compositor.

Ao destacar as estratégias de Villa-Lobos em relação à construção de representações sobre a identidade musical brasileira, esse capítulo promove uma ampliação do papel de sua obra para a invenção e a construção de elementos musicais relacionados ao imaginário nacional. A análise aponta a matriz modernista dos sistemas de representações acerca da música brasileira iniciada pelas pesquisas musicológicas de Mário de Andrade e Renato Almeida. Essas representações foram sistematizadas por Villa-Lobos em suas peças e reverberam, ainda hoje, em outros contextos da música brasileira. Elas foram reinterpretadas em outros contextos pela música popular. Esta matriz é referenciada, por exemplo, na bossa nova de João Gilberto e Tom Jobim, nas músicas de Baden Powell, Clara Nunes, Gilberto Gil, João Bosco, Aldir Blanc dentre outros, demonstrando o vigor composicional de Villa-Lobos enquanto leitor e tradutor das culturas musicais brasileiras.



LOQUE ARCANJO JÚNIOR

Doutor e Mestre em História Social da Cultura e Especialista em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Pesquisador vinculado aos Grupos de Pesquisa “Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos” da Universidade de São Paulo (PAMVILLA-USP) e “Corpo, Música e Cultura” da Escola de Música da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), é autor dos livros *Heitor Villa-Lobos os sons de uma nação imaginada* (2016) e *O ritmo da mistura e o compasso da história: o modernismo musical nas Bachianas brasileiras de Heitor Villa-Lobos* (2008). Coordenador do projeto “Heitor Villa-Lobos na América Hispânica: estudo da internacionalização da obra do compositor brasileiro a partir do Acervo Curt Lange (1930-1945)”, no âmbito do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da UEMG. E-mail: loque.arcanjo@uemg.br